



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Caminhando com Valentim (Rizoma, Pandemia e possibilidades)

Walking with Valentim (Rhizome, Pandemic and possibilities)

Isabel Cafezeiro^a

^a Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil - isabel@ic.uff.br

Palavras-chave:

Pandemia.
Construção de
Conhecimento.
Rizoma. Povos
Originários do Brasil.

Keywords:

Pandemic.
Knowledge Building.
Rhizome. Indigenous
Peoples From Brazil.

Resumo: Rizoma nos ajuda a refletir sobre a configuração moderna do conhecimento; como ela nos sufoca porque invalida qualquer expressão que não adira às suas normas; como em certos momentos fica evidente para nós a necessidade de validar outros mecanismos de construção de conhecimento, o que não significa um negacionismo. Este último é justamente a recusa à controvérsia (aversão à dinâmica, fluxo, instabilidade) e a opção pelo uno (fixar algo para que não possa ser questionado). A pandemia torna concretas certas falas que antes poderiam parecer distantes, abstratas, como metáforas inalcançadas. Por esse motivo, pensar o rizoma em tempos de pandemia nos ajuda a fortalecer as nossas vontades de expressão pelo fora, pelos escapes.

Abstract: Rhizome help us to reflect on the modern configuration of knowledge; how it suffocates us because it invalidates any expression that does not adhere to its norms; how it becomes evident to us the need to validate other mechanisms of knowledge construction, which does not mean the denyng of science. The latter is precisely the refusal of controversy (aversion to dynamics, flow, instability) and the option for the unity (fixing something so that it cannot be questioned). The pandemic makes concrete certain speeches that could previously seem distant, abstract, as unreached metaphors. For this reason, thinking about the rhizome in times of a pandemic helps us to strengthen our will to express ourselves from the outside, through escapes.



Deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída. Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte; mas o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32)

Pandemia

Confinados. Sombras de outros mundos adentram cada caverna através das mídias digitais. Que mundos teremos depois? Nos parece agora perigoso fixar pela escrita o pensamento que não se conclui. Mas sempre foi assim, o conhecimento é inconcluso, sempre esteve em processo e sempre demandou expressar-se por algum meio. Que o rizoma é vivo, já sabíamos desde os 80's. Talvez agora, tenha apenas mudado a nossa percepção do processo. Tim Tim nos ajuda:

Rizoma de Tim Tim

Anos antes da pandemia já circulava nas redes sociais os quatro minutos e meio do [andar de Valentim](#) (GEHARDT, 2015). O trajeto é cotidiano e fixado: até a casa da avó. Mas a mãe percebe infinitas linhas de fuga, desterritorialidades. A voz da mãe acompanha o prisma do menino que revela multiplicidades nas duas quadras percorridas, sempre as mesmas, e nos quatro encontros, sempre os mesmos. “Por hábito, exclusivamente por hábito”, disseram Deleuze e Guattari em um outro contexto (1995, p. 19). No hábito se estabelecem outras vivências. Cada passo, cada pedrinha, abre um mundo fazendo rizoma. O que nos dizem os mundos que chegam a nossas bolhas? Que escolhas e articulações produziremos deles para fora? Por onde ramificarão?

Negociando pela ausência de seções e resultados conclusivos

Esse texto foi crescendo de dentro para fora, motivado pela releitura do capítulo 1 de Mil Platôs (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Cresceu também de fora para dentro, a partir de acontecimentos e suas manifestações que foram chegando pela Internet. A narrativa dividida em seções, que foi pretendida no início, não se efetivou ao longo da escrita, e não me pareceu fecunda porque estabelece divisões que interrompem o fluxo.

Quero negociar com você, leitor, que num tempo futuro ao que escrevo começará a ler este texto, eu aqui, que no meu tempo presente, vejo se aproximar a data da entrega. Eu percebo densidades, ou seja, momentos onde predomina um determinado aspecto. No lugar das seções que demarcam rupturas, proponho um mapa com densidades, aqui listadas na sequência da escrita. Se as tecnologias da escrita e da publicação permitirem, haverá também hiperlinks que conduzem esses títulos aos trechos que me parecem irradiar essas densidades. Vamos a elas:

Ciência e opinião: espaços híbridos e instáveis

Redes do vírus: as redes são percebidas em situações de emergência

Os que podem ser humanos: coisas que as ferramentas tradicionais de análise não deixam ver

A opressão das abstrações: imposições da linguística e da matemática

Performar e ao mesmo tempo performar-se

O que fica de fora?

Impossibilidade de um texto conclusivo: porque ainda não acabou.

Se for possível sugerir uma imagem a esse mapa, proponho a ciranda de Míriam Inês da Silva, que pode ser em cinco ou oito crianças (Fig. 1). Como nesse texto, no trabalho da artista há conflito e rupturas: o mesmo fundo branco que chapa a imagem também provê flutuação. Os quatro lados bem demarcados da moldura aprisionam ao mesmo tempo em que dão profundidade, e a vida cotidiana, em seus acontecimentos, vai guiando os fazeres. Brincadeira de roda.

Fig. 1 - Crianças brincando de ciranda, de Míriam Inês da Silva, 1981. Óleo sobre madeira, 34,5cm X 50cm.



Fonte: <https://issuu.com/galeriaestacao/docs/catalogoexposicaoomirian>

Este texto relata ao mesmo tempo que conforma fluxos, é um convite a você leitor, para que o meu pensamento faça rizoma com o seu.

Rizoma e pandemia

Deleuze e Guattari (1995) formularam seis princípios que julgaram importantes para convencer a respeito do rizoma. Eles disseram “princípios”, o que nos soa demasiadamente rígido no contexto da ciência moderna onde um princípio estabelece um “a priori”. Mas depois, flexibilizaram: “não convenceremos ninguém se não enumerarmos certas características aproximativas do rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Aproveitando o afrouxamento dos autores, vamos (eu e você) elaborar certas características aproximativas, a partir de uma perspectiva situada no tempo e no lugar (eu, confinada, sufocada por incompatibilidades do fazer acadêmico). Nossa “câmera filmadora”, age como o registro do caminhar de Valentim: me acompanhando, e as pedrinhas que vêm pelo caminho, os pequenos vídeos que chegaram pelo fora à minha bolha nesse tempo de confinamento. Com isso, corremos o risco de sucumbir no que, nos parâmetros hoje ditos “científicos”, poderia ser deportado à categoria de “opinião”. A implicação imediata, ao menos no contexto das ciências exatas, é que esse texto não seja contabilizado como produção científica. Mas o fato científico é desprovido de opinião?

Ciência e (mais do que ou) opinião. Dentre o “ou” dualista e o “e” ajuntador, o rizoma revela ambos, mas indica que a via dualista determina cortes demasiadamente significantes e que atribuem um sujeito. Os autores explicaram: “todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 25). Essas linhas, tanto as que restabelecem as estruturas quanto as outras que escapam, remetem-se umas às outras, de modo que é sempre possível reestratificar o conjunto, restaurando os dualismos (retornando o poder aos significantes e reconstituindo sujeitos).

As provocações negacionistas à ciência vêm motivando a formulação de distinções muito claras para separar a ciência (sistematização, rigor, método) da opinião (julgamento pessoal, modo de pensar). Mas justamente estas iniciativas de demarcação de fronteiras trazem à luz instabilidade e conflito, controvérsias, linhas de fuga.

Por exemplo, em defesa da ciência, um cientista lança a chamada “ciência é episteme, não doxa”. Define episteme como “conhecimento real e verdadeiro, de caráter científico, que se opõe a opiniões insensatas e sem fundamento”. Define doxa como “reunião dos pontos de vista que uma determinada sociedade elabora numa dada circunstância histórica, julgando ser uma ação evidente, contudo para a filosofia isso seria uma crença sem comprovação” (SCHULZ, 2020). No entanto, é justamente nos “pontos de vistas” e “ações evidentes” compartilhadas pelos coletivos de cientistas que o “real e verdadeiro” estabelece seu caráter “livre de opiniões insensatas e sem fundamento”. Como esclarece Ivan da Costa Marques (2014), “é através do exercício de uma política ontológica que as realidades dos cientistas se tornam ‘a realidade’ e ‘outras realidades’ são tidas e estudadas como diferentes interpretações da realidade”. Aqui, seguindo Annemarie Mol (1999), o termo “ontologia” designa o que pertence ao real e o termo “política” dá uma conotação ativa, como um processo aberto e passível de contestação. Amalgamando, “política ontológica”, indica que a realidade não precede as práticas mundanas, mas é moldada com e nessas práticas.

Nessas considerações, controvérsias são fundamentais na construção da ciência, e sem elas não há ciência. Daí, a impossibilidade de defendê-la com base em uma distinção essencial e dicotômica entre ciência e opinião. Schulz (2020) recorre ao caráter coletivo da ciência: a defesa da cloroquina/hidroxicloroquina começou na divulgação de um único artigo que não havia passado pelo processo coletivo de validação. Um curto momento a salvo das controvérsias serviu de sustentação à negação do isolamento social e à insistência na medicação providencial que, no entanto, não existe. E, como Szwako (2020) escreve analisando o discurso negacionista científico-sanitário que sustenta o atual governo,

(n)uma lógica perversa de fixação nas retificações normais à construção da ciência, tanto mais compreensíveis em contexto de crise aguda, o negacionismo não recusa o discurso científico, mas a sua natureza controversa. Para o negacionista, tais retificações são horrorosas — “os cientistas já mudaram o papo”, “agora ninguém sabe de mais nada”, “eu li”. “Descrente,

porque sempre tem politicagem”, ele falsifica a controvérsia tanto falsa como verdadeira e retorna, impelido, a fontes mais infantis e “seguras”: um pediatra “que mostrou toda a verdade que a mídia esconde” no YouTube, o áudio de um “médico do Rio de Janeiro que assegura que ninguém com menos de 40 anos vai morrer disso” e tantas outras a-versões de um “autor desconhecido” no *zap*.

No contexto do negacionismo à ciência, convém atentar ao alerta de Deleuze e Guattari (1995, p. 26): “os grupos e os indivíduos contêm micro fascismos sempre à espera de cristalização”.

Nos primeiros dias de confinamento, circulou pelas redes sociais [um pequeno vídeo de dois minutos e meio](#), um agradecimento ao Corona vírus por forçar a sociedade a parar (OBRIGADO, 2020). A mensagem “Thank you Coronavirus” deslocou do vírus a culpabilidade da catástrofe que vivemos hoje e chamou atenção para outras incoerências da sociedade moderna ocidental, como o consumismo, o produtivismo, a irresponsabilidade ambiental, a doença mental. A imagem do vídeo sugere uma rede física, de tecnologias da informação. Mas a narrativa, ambientada no atual confinamento evidencia uma outra rede, heterogênea e instável, por onde o vírus se propaga, e por onde se espalham nossas relações, bastando apenas que qualquer ponto se conecte a qualquer outro ponto “fisicamente ou energeticamente” (1 min 56 seg). Indistintamente humanos e não humanos colaboram, estabelecendo contatos involuntários e inesperados e formando a rede por onde transitam contágios. “Finalmente compreendemos o que significa estarmos todos conectados... este vírus é parte de nós, está entre nós, conectou todos nós” (1 min 22 seg). “Fazemos rizoma com nossos vírus, ou antes, nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 27).

A situação de pandemia coloca em evidência uma configuração que nossas tradicionais ferramentas de análise não parecem dar conta de acompanhar porque não operam em heterogeneidade, volatilidade, intangibilidade, interoperabilidade, multiplicidades características dos agenciamentos. Ao contrário, reforçam dicotomias e parâmetros fixados de análise que geram categorias significantes e a consideração de entidades puras (em essência) que são tomadas como amostras representativas dessas categorias, é esse o ponto que queremos elaborar nesse texto. Daqui em diante, quando falarmos “nossas tradicionais ferramentas de análise”, o leitor pode compreender qualquer situação em que

os padrões nos obrigam a falar de um outro jeito, ou onde as questões que nos incomodam parecem estar fora de lugar. São situações onde as categorizações são tão fortemente estabelecidas que não há espaço de negociação. Os exemplos são diversos, e comentaremos alguns aqui.

O homem branco é uma amostra representativa da categoria ser-humano, tão fortemente representativa quanto a imagem de Jesus Cristo, olhos claros e pele clara. Mas estas categorias delimitadas e estáveis são impossíveis (ou somente possíveis em situações muito controladas de modo a corroborar um determinado propósito) porque as coisas se misturam em seus devires. É preciso considerar as zonas de mistura e a possibilidade de estar sempre reacomodando fronteiras às contingências não previstas.

Ao lado das estatísticas de propagação do vírus, relatos de situações caóticas decorrentes do desmonte da rede pública de saúde e educação, do desgoverno e do fortalecimento de grupos neofascistas, nos chegaram notícias de que a natureza se aproveita da trégua imposta pelo vírus para se recompor. O [Himalaia já pode ser visto das lajes de Jalandhar](#) (JALANDHAR, 2020), [tartarugas voltaram à Baía de Guanabara](#) (PEIXES, 2020), dentre outras notícias que parecem corroborar a hipótese defendida anos antes pelo cientista que constatou a recomposição da vida em Chernobil (OLIPHANT, 2020): *a presença humana é nociva ao meio ambiente*.

Os povos que já habitavam o Brasil antes da invasão do colonizador não confirmam essa hipótese. Há mais de três décadas, em manifestação na Assembleia Constituinte, em 1987, Ailton Krenak [já havia deixado claro](#) (KAIOWÁ, 2014, 8 min 48 seg):

O povo indígena tem um jeito de pensar. Tem um jeito de viver. Tem condições fundamentais para a sua existência e para a manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não coloca em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais dos seres humanos.

A hipótese de que o ser humano é nocivo ao meio ambiente só se sustenta sob a narrativa hegemônica, sob o pressuposto universalista estabilizado de que qualquer ser vivo merecedor do adjetivo “humano” vive sob as mesmas condições produtivistas e consumistas da sociedade moderna.

É deste modo que pseudomultiplicidades arborescentes das análises modernas lançam os povos originários do Brasil na invisibilidade enquanto seres humanos, hoje, tanto quanto já eram nas falas de Gonçalo Alves, no século XVI: “São tão bestiais que não lhes entra no coração coisa de Deus!”, diálogos de Padre Manoel da Nóbrega (NÓBREGA, 1964, p. 73 *apud* CAFEZEIRO, 2011, p. 116).

Pelo fato de viverem em comunidade, e orientarem suas práticas cotidianas pela cooperação e construção de coisas coletivas, muitas culturas indígenas brasileiras formaram compreensões de mundos diferentes daquela que vigora na cultura hegemônica, esta última, dirigida pela construção de “sujeitos produtivos”, aqueles que alimentam e fazem mover os mecanismos de consumo.

Há uma distinção entre o conceito de tempo difundido pela cultura europeia (linear e irreversível) e a forma como várias etnias e aldeamentos indígenas organizam o mesmo conceito como um rizoma que “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 48). A “canao do tempo”, que faz parte da tradição oral e memória dos Guaranis consiste em

uma noção de sequência, um antes e um depois, mas isso não implica em uma sequência demarcada entre passado e futuro, que, em vez de separados pelo presente estariam dentro do agora. Um presente que se recria constantemente pela inclusão de outras temporalidades, como demonstra a sabedoria do arco e flecha, que se lança ao futuro pelo recuo ao passado (DJA GUATA PORÃ, 2017).

“Riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 49). É diferente do tempo marcado pelo relógio, conceito abstrato da cultura branca. Autoritariamente, o conceito hegemônico é imposto, e esta imposição força atitudes segundo sua própria estrutura porque inevitavelmente faz conexão com uma micropolítica no campo social. A consequência imediata (sem mediação) é percebida pelos coletivos que não compartilham da mesma visão de mundo: *o índio é preguiçoso*.

Daniel Munduruku, [explicou](#):

Da onde será que vem a ideia de que os índios são preguiçosos? (...) As populações indígenas têm uma outra visão de trabalho, produção, riqueza, e isso está muito baseada na sua compreensão de tempo. Para os indígenas o

momento, o agora, é um presente que a gente recebe da natureza. O presente tem que ser usado imediatamente. Os povos indígenas não desenvolveram a ideia de guardar coisas, acumular riquezas, de que um dia vai ser feliz e vai poder usufruir de tudo o que foi guardado. Essa é a ideia do capitalismo (MUNDURUKU, 0 min 39 seg).

Para o Munduruku, que enxerga seu próprio mundo através de suas práticas cotidianas, de sua cultura, de seu viver, é muito evidente este arranjo que vincula o estigma do preguiçoso ao tempo abstrato medidor de produtividade. São também evidentes as consequências imediatas desse arranjo, como veremos [mais adiante](#), na voz de Juruna. Mas para a linguista, que enxerga mundos através de ferramentas estruturadas concebidas fora destes mundos, correlacionar a compreensão do tempo com, por exemplo, a gramaticalidade [não tem nada a ver](#), não há evidência de relação causal entre cultura e gramática (NEVINS PESETSKY RODRIGUES, 2009):

Mesmo que você tenha uma pessoa que vive o aqui e agora, qual é a relação disso com não fazer encaixamento (de frases)? Isso é uma correlação, no máximo. Você tem as duas coisas coexistindo, mas uma não é consequência da outra... a não ser que você me prove que é (RODRIGUES, 2019, 42 min 05 seg).

A exigência da prova deixa claro que questionamentos só serão aceitos se justificados nos mesmos termos estruturalistas. Por um lado, dificulta as argumentações baseadas na vida e na experiência, por outro, possibilita diagnósticos cuja construção dispensou a convivência com os grupos em questão. Por um (mais um) outro lado, privilegia os estudos de casos e desmerece a convivência. Nos estudos de caso o pesquisador já inicia as curtas convivências nos outros mundos carregando as prerrogativas estabelecidas por uma grande bagagem conceitual abstrata, previamente selecionada.

O abstrato é opressor porque não acompanha experimentações ancoradas no real, não faz conexão com a experiência vivida. Por exemplo, como uma imagem transferida por pressão de uma superfície para outra, o conceito de adição é decalcado. O esquecimento de que esta matemática é produto da cultura hegemônica, e portanto, estrangeira aos saberes e viveres de outros povos, cria a expectativa de que qualquer coletivo manejaria a adição com conforto, uma presumida competência, como se o somar matemático fosse tão natural quanto o falar, ou como a chuva. Seria, portanto, naturalmente aceito. Mas não é isso que ocorre, não sem resistência:

Os Mundurucus, do sul do Pará, os Waimiri-atroari contam somente até cinco, pelo menos é só até esse número que eles têm um vocábulo: 1 é awynimi, 2, typytyna; 3, takynyma; 4, takynynapa; e 5, warenypa (que significa uma mão). Alguns professores índios resolveram durante o curso de formação continuar a numeração até dez na língua, usando o processo de adição. Assim, por exemplo, o sete foi denominado de takynyma takynynapa (3+4) etc. Quando voltaram para suas aldeias e foram discutir isso com as lideranças, a ideia foi totalmente rechaçada. A alegação dos líderes foi que eles estavam alterando a língua e como a escola era um elemento não indígena, apesar de todos eles valorizarem-na muito, quando os professores fossem ensinar numeração acima de cinco deveriam utilizar a nomenclatura do português. Na escola as crianças são alfabetizadas nas duas línguas, a materna e o português. (FERREIRA, 2001)

A matemática, assim como a linguística, carrega modos de agenciamento e tipos de poderes particulares. “Não se criticarão tais modelos linguísticos por serem demasiado abstratos, mas, ao contrário, por não sê-lo bastante” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Com suas normas estruturadas e órgãos constitutivos tanto a matemática quanto a linguística cursam vinculadas aos eventos onde foram elaborados (espaço, tempo, acontecimentos) e tornam-se estratégias do domínio quando separadas deles (CAFEZEIRO, 2011, p. 72).

Juruna, por ocasião da instalação da Assembleia Nacional Constituinte, em 1987, percebeu o impasse. Os índios reivindicavam a retirada do artigo que propunha anular os direitos dos indígenas em aculturação (coletivos que reconhecem certos símbolos nacionais, ou algumas palavras em português). O Cacique notou:

A pessoa que saiu não é aculturado coisa nenhuma porque a gente tem (é) obrigado a aprender a (o) português. Então quem preparou isso, o presidente da FUNAI, está querendo discriminar o índio aculturado pra poder (tentando) diminuir o número de índio que está na aldeia ou diminuir também a terra indígena. (KAIWOÁ, 8 min 22 seg).

A imposição da língua nacional aos povos indígenas é um decalque porque a língua do dominador não se alastrou entre esses povos acompanhando os acontecimentos do seu viver. Pela imposição, a língua portuguesa se estabeleceu seguindo suas próprias linhas estruturantes, e com isso, tem afirmado uma condição de incapacidade e incompetência, ao mesmo tempo que reforça uma configuração de poder: aprender o português e abrir mão da condição própria de indígena.

Diferente do decalque, uma cartografia não segue linhas estruturantes e, portanto, não se reproduz sobre si mesma como os esquemas matemáticos de recursão (cursão sobre a mesma estrutura). É inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 30). Escapa por linhas de fuga, territorializa-se e desterritorializa-se e reterritorializa-se em fluxo e reinvenção.

Esse mecanismo de escape traz o novo e evidencia que o caráter infecundo da reprodução foi também percebido em outros domínios. São situações onde o rizoma escapa de si mesmo para se reinventar:

No campo das ciências exatas, por exemplo, o Teorema da Incompletude, formulado por Kurt Gödel (1931), mostrou que um sistema formal expressivo o suficiente ao ponto de se fazer produtivo também abriga enunciados cujas demonstrações são inalcançáveis a ele próprio. Ademais, mostrou também um mecanismo de busca pela completude, uma linha de fuga, que consistiu na introdução passo a passo de enunciados cuja atribuição de valor é feita por fora do sistema (TURING, 1938, p. 1). É um moto-contínuo, já que mesmo com os enunciados adquiridos a completude nunca se efetiva.

No campo das humanidades, Paulo Freire traduz o mesmo processo ao falar sobre a prática educativa. Ele se refere à inconclusão ontológica do ser humano. Mas a consciência da sua própria inconclusão desencadeia um permanente movimento de busca que consiste na prática educativa, um moto-contínuo. (CAFEZEIRO; KUBRUSLY; CAFEZEIRO, 2016, p. 107).

O campo da linguística, que se equipou de modelos matemáticos para explicar mecanismos da linguagem, propõe uma gramática universal, ou seja, uma característica comum a qualquer que seja a língua. Mas se deparou com outros modos linguísticos também chamados de gramáticas (sistemas formais com um conjunto finito de itens léxicos e regras fixadas que operam sobre esse conjunto) onde os esperados mecanismos de reprodução não aparentam se completar na própria gramática, mas demandam um fora.

Os índios Pirahã, do Amazonas, não possuem palavras para designar certos conceitos, o que não significa que estes conceitos não são designados. Por vezes, muitas coisas, mesmo que antagônicas, são expressas aparentemente pelo mesmo vocábulo, indicando um complexo emaranhado de entonações, assobios, movimentos, percepções e outros

sinais. Os Pirahã, em 200 anos de contato com os ditos “civilizados”, não assimilaram a língua portuguesa, como também não assimilaram o modo de vida da cultura hegemônica (EVERETT, 2005). Poucos brasileiros dominam a língua pirahã. É um povo que não tem palavra para números nem sistema de contagem, mas comunica-se configurando o que os linguistas reconhecem como uma gramática complexa.

Os linguistas aceitam que a habilidade matemática, em particular, a elaboração dos números, acompanha a habilidade linguística já que tanto a língua quanto os números se assentam sobre as mesmas bases formais, a recursão (RODRIGUES, 2019, 33 min 38 seg). Mas parecem sugerir que se alguma coisa levou os Pirahã a não necessitarem da contagem, esta mesma coisa não pode os ter levado a não necessitarem do encaixe. Isto seria como afirmar um contraexemplo à teoria da gramática universal, está, portanto, fora de negociação.

De forma análoga, diz a linguista que as crianças não gostam de auto encaixamento na linguagem porque isso tem a ver com a sua curta memória (RODRIGUES, 2019, 1 hora 11 min). Mas a curta memória dos Pirahã, que alcança apenas duas gerações, não é relacionada com a possível ausência do encaixe na língua pirahã. Pode estar aí a resposta para o que foi [antes](#) rechaçado: “Mesmo que você tenha uma pessoa que vive o aqui e agora, qual é a relação disso com não fazer encaixamento (de frases)?”

Ainda mais, os Pirahã não expressam cores e não conjugam em passado e futuro. Esses tempos não fazem parte de sua experiência de vida. Eles vivem o presente (EVERETT, 2005). Esquisito, incompreensível, sob o olhar da nossa cultura, o modo de falar dos Pirahã: na simplicidade dos signos que foram identificados na sua língua, na pequenez desse conjunto de signos, eles conseguem expressar a infinidade do seu devir floresta, formando uma identidade cultural tão fortalecida que foi capaz de sobreviver por 200 anos, mesmo sob uma ameaça tão invasiva e devastadora como foi e tem sido a Transamazônica.

É conveniente não esquecer que o século XIX já levava a sério a impossibilidade de expressar matematicamente a imensa maioria dos infinitos. O Teorema de Cantor (1891) apresentou aos matemáticos uma infinita hierarquia de infinitos onde os conjuntos enumeráveis sobre os quais se definem as nossas recursões ocupam apenas o primeiro nível. Isto significa que a riqueza e complexidade de inúmeros infinitos matemáticos

escapam do alcance de nossas teorias recursivas, bem como os infinitos que inventamos em nossos viveres.

A computação, ciência que se conformou a partir da linguística ao mesmo tempo em que contribuiu na conformação da própria linguística moderna, se desenvolveu de forma bastante aderente às estruturas. Mas a década de 1970 já dava sinais de que as arrumações encaixantes não atenderiam às demandas de expressão formal. Outros modos de relacionamentos foram sendo propostos como formas de compensar as limitações expressivas da composição estruturada, por exemplo, a herança simples e múltipla das linguagens de programação. De árvores, as arquiteturas dos programas foram aos poucos adquirindo conformações “costuradas”, como grafos, que não têm um padrão de geração estabelecido. Hoje, a circulação de vídeos e áudios na Internet demanda cada vez mais novas técnicas de programação capazes de lidar com informação não estruturada.

De tudo isso percebemos que muita coisa passa por fora das nossas tradicionais ferramentas de análise. Estas, por atuarem na definição de categorias precisas, são fixadas e estáticas, não dão conta de captar as dinâmicas dos agenciamentos. Sendo produto da cultura moderna (hegemônica) essas ferramentas de análise assumem seu próprio referencial como parâmetro de desenvolvimento. A partir daí, qualquer elaboração que se afaste desse referencial é subjugada. Essas ferramentas de análise são autoritárias, porque, como não reconhecem esse “por fora”, forçam modos de agir e de pensar regulados por seus próprios mecanismos. Não admitem questionamentos a não ser em seus próprios termos. Não acompanham as demandas do tempo e local, o aqui e agora das circunstâncias de sua aplicação.

O rizoma propõe a experimentação ancorada no real, que permite verificar que outros modos de pensamentos são tão desenvolvidos quanto sua adequação às demandas do seu viver. Propõe um caminhar a *n-1*, que significa desatender à unicidade estruturante para considerar multiplicidades *n*. “É somente assim que o único faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele”, disseram Deleuze e Guattari (1995, p. 21).

“Ai, que água suja, dizem uns. É água da chuva, meu caro. Ai, que delícia, contam outros. Tim Tim nem liga. Só pisa, pisa ... pisoteia” (0.31 seg). As passadas na poça deixam à mostra o incômodo inesperado. O que incomoda são os andares para fora do trilho, porque levantam a suspeita de que o trilho poderia ser suprimido. Mas não é. O trilho está

presente, assim como o hábito: o rizoma não rejeita a árvore, germina nela e com ela. Apesar da contenção dos trilhos, o discurso científico se renova, a cada escape, em controvérsias, não pela estabilidade. Escapa de si mesmo para se reinventar.

REFERÊNCIAS

- CAFEZEIRO, E. *Discurso e Texto. Dimensão Simbólica e Cidadã do Português Brasileiro e Africano*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 2011.
- CAFEZEIRO, I.; KUBRUSLY, R.; CAFEZEIRO, E. Os números dos mundos. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 97-112, 2016. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2785. Acesso em: 20 mai. 2020.
- CANTOR, G. Ueber eine elementare Frage der Mannigfaltigkeitslehre. *Jahresbericht der Deutschen Mathematiker-Vereinigung*, v. 1, p. 75-78, 1891.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platons I: Capitalismo e Esquisofrenia*. Editora 34. 1995.
- DJA GUATA PORÃ, Exposição Museu de Arte do Rio (MAR), Curadoria Sandra Benites, 2017.
- EVERETT, D. Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã. *Current Anthropology*, v. 46, n. 4, 2005.
- FERREIRA, E. S. Racionalidade dos Índios Brasileiros. *Scientific American – Brasil, Etnomatemática*, Edição Especial, n. 11, p. 92, 2001.
- GERHARDT, G. *Caminhando com Tim Tim*. Gravação e edição: Tiago Expinho. Texto, narração e toque de sanfona: Genifer Gerhardt. Música original: Renatinho Muller. 2014. Vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI&feature=youtu.be>. Acesso em: 22 mai. 2020.
- GÖDEL, K. Über formal unentscheidbare sätze der Principia Mathematica und verwandter systeme. I, Monatsch. *Math. Phys.* v. 38, p.173-178, 1931.

JALANDHAR residents have a view of snow-capped mountains. *The Tribune*, 03 abr. 2020. Disponível em:

<https://www.tribuneindia.com/news/punjab/coronavirus%C2%A0jalandhar-residents-have-a-view-of-snow-capped-mountains-65028>. Acesso: 14 mai. 2020.

KAIOWÁ, R. *Índio, cidadão?* Roteiro Rodrigo Siqueira e Sérgio Azevedo. 2014. Documentário (52 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ti1q9-eWtc8>. Acesso: 10 mai. 2020.

MARQUES, I. da C.; Os cientistas têm conhecimento, outros têm crenças. Como se escapa deste grillhão epistemológico? *Scientiarum Historia VII*, 2014. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh7/SH/trabalhos%20orais%20completos/OS-CIENTISTAS-TEM-CONHECIMENTOS-OS-OUTROS-TEM-CRENCAS.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2020.

MOL, A. Ontological politics. A word and some questions. *The Sociological Review*, v. 47, n. 1, p. 74–89, 1999. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1999.tb03483.x>.

MUNDURUKU, D. *Reflexões sobre o bem viver: Presente*. Vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDMUg7LPixM>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NEVINS, A.; PESETSKY, D.; RODRIGUES, C. Pirahã exceptionality: a reassessment. *Language*, Baltimore, v. 85, n. 2, p. 355-404, 2009.

NÓBREGA, Manoel da. *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*. Lisboa, 1964.

OBRIGADO Corona Vírus! - O Mundo Está Mudando - Legendado Português Brasil - COVID 19 Chinês PT BR. Anônimo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-d5CzBr02VU>. Acesso em: 13 mai. 2020.

OLIPHANT, O. 30 years after Chernobyl disaster, wildlife is flourishing in radioactive wasteland. *The Telegraph*, 24 abr. 2016. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2016/04/23/wildlife-returns-to-radioactive-wasteland-of-chernobyl/>. Acesso em: 3 mai. 2020.

PEIXES e tartarugas aparecem na Baía de Guanabara. Anônimo. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTNS1gI2v1s>. Acesso em: 13 mai. 2020.

RODRIGUES, C. *Linguagens: Diferentes linguagens – etnia Pirahã*. Entrevista Casa do Saber, Série Quem somos nós. 2019. Vídeo (1h 15min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=15Jrpk51qJk>. Acesso em: 13 mai. 2020.

SCHULZ, P. COVID-19: Ciência não é opinião, é conhecimento. *Jornal da UNICAMP*, 11 abr. 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/peter-schulz/covid-19-ciencia-nao-e-opiniao-e-conhecimento>. Acesso em: 13 mai. 2020.

SZWAKO, J. O que nega o negacionismo? *Blog A Terra é redonda*, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-que-nega-o-negacionismo/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

TURING, A. *Systems of Logic Based on Ordinals*. Tese de Doutorado. Princeton University, 1938.

NOTAS DE AUTORIA

Isabel Cafezeiro (isabel@ic.uff.br) possui graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal Fluminense (1992), mestrado em Informática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1994), doutorado em Informática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000) e pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da UFRJ. É Professora Titular do Instituto de Computação da Universidade Federal Fluminense, professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da UFRJ. Atua na área de Ciência da Computação, com ênfase em Lógicas e Semântica de Programas, focando principalmente nos seguintes temas: linguagens de programação e especificação formal de sistemas. Atua na área de Sistemas de Informação focando principalmente nos seguintes temas: Computação e Sociedade e Abordagens Sociotécnicas em Sistemas de Informação. Atua na área de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia, focando principalmente a História da Computabilidade e investigações sobre o trabalho acadêmico. Atua em ensino de graduação na Universidade Federal Fluminense desde 1994 e coordena projetos de extensão desde 2005. Participou do processo de concepção e implantação do curso de Bacharelado em Sistemas de Informação da Universidade Federal Fluminense, do qual foi vice-coordenadora por seis anos. É sócia fundadora e membro do comitê consultor da Associação Brasileira de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia (ESOCITE.BR). É sócia das seguintes entidades: Associação Nacional de História (ANPUH), Sociedade Brasileira de História das Ciências (SBHC), International Association for Computing And Philosophy (IACAP), Computability in Europe(CiE), Sociedade Brasileira de Computação(SBC).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

CAFEZEIRO, Isabel. Caminhando com Valentim (Rizoma, Pandemia e possibilidades). *Texto Digital*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 20-35, 2020.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Fig. 1 – Crianças brincando de ciranda, de Mírian Inês da Silva. Óleo sobre madeira, 3cm X 24,5 cm. (1981). Captura de tela. Disponível em: <https://issuu.com/galeriaestacao/docs/catalogoexposicaomirian> . Acesso em: 01 mai. 2020.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 25/05/2020.

Aprovado em: 01/06/2020.